

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Editor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.728

Sábado, 12 de Julho de 1924.

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 111 e 113

A mudança de governo não logrou aplacar a fúria de perseguir das autoridades policiais, pois sem motivos que as justifiquem novas prisões de operários se registam!

## Sindicalismo e acção reformista

A luta de classes têm fortalecido o operariado para que só no seu próprio esforço confie

Frequentes vezes, vozes que se dizem amigas e que talvez sinceramente o julguem ser, nos gritam em tom convincente:

—Porque não manda a C. G. T. deputados ao parlamento.

Se se responde a essas vozes que se supõem amigas que a C. G. T. não sairá do terreno profissional para ingressar numa esfera parlamentar, gastando nesse desvio de objectivos e métodos, muita energia e dinheiro, as mesmas vozes murmuram em coro:

—Porque não votam, ao menos, nos candidatos socialistas para que estes no parlamento defendam questões operárias e ergam o seu protesto contra todas as prepotências partidárias do alto? Pois não seria útil que alguns homens de ideias demopoeiradas e socialistas dissessem dessa tribuna que é o parlamento meia dúzia de verdades amargas aos deputados que representam os interesses da burguesia capitalista?

Se a gente lhes observa que a questão social não é uma questão de retórica, que não se trata de sentimentalizar ou insultar a burguesia, mas de derrubá-la, essa gente que nos aconselha o desvio para a acção parlamentar, afasta-se desolada. Antes da despedida, vinda na nossa obstinada resistência, mostra-se penalizada e confrangida. Lamenta-nos sempre com o ar de quem ofereceu a um pobre uma fortuna—e o pobre a recusou porque só entrevia na vida o morrer na miséria que sempre vegetou.

\*\*\*

Essas vozes amigas, são afinal—vozes inimigas. Mau grado as boas intenções que por vezes as levam a procurar convencer-nos que o elixir parlamentar bebido moderadamente, não só não embriaga, nem aniquila, como dá lucidez e produz redobramento de vitalidade, pretendem quebrar-nos toda a nossa possibilidade de opôr, no presente, à sociedade burguesa, uma barreira formidável, e de constituir, no futuro, uma sociedade melhor.

Essas vozes amigas, quase sempre, não são arrastadas para nós por uma simpatia irresistível, mas pelo reconhecimento duma força que convém dominar, para conduzir nesse sentido. Se assim não fosse aceitavam os nossos métodos de acção,

que são afinal o principal segredo da nossa força e a única maneira profícua de a empregar. Essas vozes amigas pensam em agir duma maneira diametralmente oposta à nossa e aspiram a que nós sigamos uma acção determinada por um pensamento divergente do nosso.

A organização operária, baseada a sua energia e a sua acção, no terreno de luta de classes. Para que a luta de classes exista, é preciso que as relações das duas classes subsistam, sempre num estado de antagonismo directo. E esse antagonismo baseia-se na luta de classes, frente a frente, despidas convenientemente as ficções legais e patrióticas. Não mais leis sábias e presidentes; não mais núcleos humanos e homogêneos chamados pátrias. Apenas duas classes que no terreno da produção desempenham: uma o papel de produzir e a outra o papel de explorar.

A força colectiva do operariado dessas lutas nasceu e nelas encontra um manancial de energias que se não estanca e continuamente se renova. Desde que essa luta cesse, o manancial de energia que ela encerra dissipa-se, e o proletariado torna-se uma massa anónima, inútil e dispersa, girando como uma ventoinha entre a reacção das direitas e o socialismo reformista.

E por que não conseguimos essas vozes dissuadir o operariado da sua intransigência anti-parlamentar, arrastando-o para as urnas?

Eles bem o sabem. E' que o operariado adquiriu nos frequentes embates com a burguesia, uma confiança inabalável, no seu próprio esforço. Dificilmente ela perderia essa confiança, porque os embates sucedem-se e fortalecem-na. Desoladora verdade para os reformistas: o operariado não vota e não votará! A energia e a solidariedade desenvolvidas nas suas lutas, afastou-o para sempre das manobras duma política que nunca fixaram princípios, sempre subtil, contraditória e escoreggiada...

O mesmo não podemos dizer da classe média, contagiada pela ideologia burguesa, vivendo numa vida apagada, num servilismo e numa resignação exasperantes. A ela se devem dirigir as vozes que nos procuram perturbar na nossa acção. Mas, quem sabe se a classe média, quando acordar, não enveredará pelas características da classe operária que, dia a dia, se vão impondo dominadoramente?

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Vocação errada

No Seculo de ontem o sr. José de Miranda fazia várias considerações tendentes a demonstrar que a policia prendendo na sede dum sindicato, em Gaia, um operário que estava a dormir, demonstrava possuir heroismo, argúcia e zelo capazes de estreitar meio mundo. Novas considerações a seguir para demonstrar que o operário preso pertence a não sabemos que carbonária, não confundir com a excelsa, a republicana, que pretende construir um novo edificio social com muitas bombas e tiros. O sr. José de Miranda depois de todo este arrazoado diz mal da policia do Porto a quem falta o heroismo, a argúcia e o zelo que sobejam à de Gaia.

Trata-se por certo dum individuo que sendo um mau jornalista acabará por largar a pena, para empunhar o sabre porque poucos, como elle, podem possuir a boçalidade inata num policia modelar.

### Os maus exemplos

A igreja resolveu que as mulheres deixem, mesmo de verão, de andar com vestidos decotados e de manga curta, sob pena de ser interdito o seu acesso à mesa eucarística, que é uma coisa que, pelos vistos, lhe deve fazer uma grande diferença.

O cardinal Pam illi, vigário do papa em Roma, exige ainda que as mulheres apareçam na igreja de cabeça coberta. Deus que era irascido tornou-se agora puidubido. Mas, se nos permittem, chamamos a atenção de Deus para Nossa Senhora da Conceição que não tem a cabeça coberta e que a respeito de tapar o corpo, temos conversado. Também alguns santos, do género masculino, se apresentam duma indumentária pecadora que os desnuda razoavelmente.

Para os desmandos dos santos, a começar por Nossa Senhora da Conceição, não tem Deus olhos e severidade. Pois devia ter—para se evitar os maus exemplos!

## VOZ DO OPERARIO

### C epiflogio duma campanha

Nas columnas de A Batalha iniciámos uma campanha contra as últimas gerências desta Sociedade, da qual resultou uma sindicância feita aos seus actos administrativos.

O chefe do distrito, que superintende nos destinos da Sociedade, após a conclusão da sindicância, determinou a destituição da actual comissão administrativa, que era constituída por sócios electivos, únicos que dentro da lei podem ocupar os cargos directivos. Como, porém, a campanha foi mantida pelos sócios auxiliares, que constituem a enorme maioria de associados, o governador civil entendeu nomear uma comissão administrativa, com funções sindicantes, constituída por sócios auxiliares e electivos, dando assim satisfação aos desejos da maioria dos associados que de há muito vinham reclamando a sua intervenção na administração da Sociedade, pelas ingerências apontadas e que muito poderiam concorrer para o descalabro de tem prestimosas instituições, que hoje se encontra sob a perniciosa fiscalização dos sócios auxiliares.

Não temos ainda conhecimento dos nomes que constituem a nova comissão administrativa, nomeada pelo governador civil, mas consta-nos que alguns desses nomes são um penhor seguro da imparcialidade com que, s. ex.ª, tratou tam importante e grave assunto.

A'manhã, pelas 14 horas, o administrador do 1.º bairro dará posse à nova comissão, à qual nos consta que assistirão muitos sócios, tanto auxiliares como electivos, que se interessaram pela campanha por nós feita, cujo epiflogio vem confirmar plenamente a razão e a justiça dos sócios auxiliares.

Contribuir com 1 escudo é o dever de todos os trabalhadores.—A Direcção.

## A policia continua a perseguir

Além dos presos da Trafaria e de outros pontos, as autoridades prosseguem a prender operários!

seu desenvolvimento. E' isto o que se tem verificado até esta parte.

E desta maneira conservam os operários longo tempo detidos, sendo muitos obrigados, para não se sujeitarem a tal vexame, a afastar-se de Lisboa.

Ora esta situação não pode continuar. Não se pode viver num regime de tal natureza, porque é infame, porque é provocador, porque é indigno duma democracia.

Quando as comissões que tratam da situação dos presos procuram o director da policia de segurança do estado, este senhor afirma que as detenções não são efectuadas à sua ordem; porém tem-se verificado que as prisões de operários são ordenadas por aquela entidade.

Em que ficamos então?

Sabemos que há uma brigada composta pelos agentes Sebento, Vianinha, Dente de Ouro e Figueiredo encarregada de dar casa aos operários. Essa brigada já se tem desempenhado da missão de que a incumbiu o sr. Madeira.

Provavelmente este senhor é capaz de afirmar novamente que desconhece o que se passa. No entanto as prisões verificam-se todos os dias, a horas mortas, no lar inviolável do cidadão, o qual, segundo o que estatui a constituição da república portuguesa, tem o direito de resistir contra as arbitrariedades de que for vítima.

Dando uma prova de demasiada correcção, em contraste flagrante com o procedimento das autoridades, procedi-mos indigno e provocador, ainda nenhum dos operários que têm sido detidos em suas casas altas horas da madrugada pôs em prática o que aconselha a constituição. Limitam-se a seguir as arbitrariedades determinações da policia.

Como estamos habituados a ser acusados de instigadores de actos violentos,

não pretendam os especuladores ver nas nossas palavras um incitamento. Sómente desejamos lembrar às entidades competentes aquilo que existe na lei e que provavelmente desconhecem, tam obsecados andam na fúria de prender quem trabalha, quem produz, quem tem direito a viver porque contribui com o seu esforço para que na meza dessas entidades nada falte.

Arbitrariedades como estas não podem subsistir, não as toleram aqueles que delas são vítimas, nem as criaturas que têm em grau superior o principio de liberdade.

Os operários não podem continuar sujeitos a estas perseguições constantes porque querem trabalhar pois dentro forma não se podem sustentar nem a sua familia.

Se a policia que entrete o seu quotidiano, procure outro modo de vida que seja útil, produtivo e de bons resultados para a comunidade. Prender por desporto, para justificar a razão de existência duma instituição improdutiva, é anti-humano, é criminoso.

Durante 13 dias esteve preso o operário servente da construção civil Eduardo de Oliveira, sem saber porque. Foi posto em liberdade na quarta-feira.

Ontem, pelas 4 horas da madrugada, a policia foi a sua casa e prendeu-o de novo, encontrando-se incommunicavel não se sabe onde.

O operário pintor Manuel Soares está incommunicavel na esquadra da Mouraria e não no Governo Civil, como por erro de informação, disse-mos ontem.

Sabemos também que há várias prisões de operários na Cascaes e em Palma e que outras se preparam.

Porque? O que quer a policia, o que querem as autoridades com estas perseguições consecutivas?

## CRONICA DE HAMON

## A PAZ SEM VENCEDORES NEM VENCIDOS

A guerra encerrou-se por um fracasso completo dos militares de todos os países

Nem dos nossos artigos precedentes escrevemos que a única paz definitiva só poderia ser uma paz, em que não houvesse vencedores nem vencidos. Esta concepção era a que Wilson exprimiu discursando em 22 de Janeiro de 1917. No senado americano. A mesma concepção exprimimos nós em 1915, quando expunhamos aos auditores dos nossos cursos na Universidade de Londres e que publicamos nas Lições da Guerra Mundial em 1916. Ela é, de resto, a dedução lógica dos factos e a resultante lógica da evolução humana, no momento actual.

Também me causou um grande espanto constatar o illogismo e a cegueira dos partidos da direita, dos governos capitalistas que se encarnaram nesta função de Sisifo de deter a evolução humana e de a procurar desviar do seu curso, para estabelecer uma ordem de coisas mortas ou prestes a morrer. Logo que se encara o período histórico da evolução do mundo, constata-se que a humanidade de tem sempre evoluído para uma maior liberdade, uma maior igualdade, uma maior solidariedade.

A guerra mundial foi um fenómeno

sociológico imenso, irradiando em todos os sentidos, complexo. Nunca existiu um labirinto semelhante, porque tudo entrou em acção, tudo se confundiu e agitou sobre o globo terrestre. Mas se esse labirinto tornava mais difícil extrair uma conclusão, não a tornava impossível mas mais vasta. Para extrair uma conclusão basta reparar as grandes linhas da direcção dos acontecimentos, partindo do principio científico que a evolução humana não volta à sua origem.

Portanto a guerra mundial tendia a acabar o movimento evolutivo humano, destruindo violentamente os obstáculos que destruíam a sua marcha. Os conservadores e os reacçãoários de todos os países esforçaram-se por evitar este accleramento da evolução. Pretensão vã e estúpida!

Quando se pensa que homens como Lloyd George, Klotz, etc., etc., gritavam para enganar o publico: «o hahe pagado, pagado tudo», como eles falavam na Conferência da Paz, de 600 milhões de francos-ouro a pagar pela Alemanha, consultar as recordações do presidente Wilson, fica-se tomado de espanto não se sabendo se se deve rir ou se se deve chorar. Foi em vão, que Wilson e os socialistas protestaram contra estas insanidades.

O que faz a habiliidade e a grandeza dos britânicos é a sua maneira de encasar os factos em toda a sua realidade e a ela se esforçam de se adaptar. Num recente artigo da Revue des Deux Mondes, Firmin Rozé, no meio de várias considerações soi-dissant patrióticas, registava esta verdade, o pragmatismo de caracter britânico e extraia a conclusão a existência no tempo duma policia continua e desejada dos britânicos. Isto é exacto, e a causa deste fenómeno está em que os britânicos agem no sentido da evolução humana. Resulta que os britânicos estão, sobre a Europa continental do Ocidente, avançados pelo menos, 25 anos. Refiro-me, bem entendido não às minorias da vanguarda, mas ao conjunto da Europa Occidental. Há mais de 25 anos que eu contava estes factos num dos meus livros.

O que faz a fraqueza dos franceses e, especialmente, a dos dirigentes franceses, é não encasar os factos se não para se esforçarem em condicioná-los aos seus desejos e às suas vontades, e quando se apercebem que não o podem fazer apressam-se a não ver os factos ou a negá-los. Não há pior cego do que o que não quer ver, e pior sendo do que o que se recusa a ouvir. E, então, eles praticam religiosamente a policia da Austria.

A guerra militar encerrou-se por um fracasso completo dos militares de todos os países. Sob o ponto de vista militar não houve nem vencedor, nem vencido. Nunca os alemães sobreram irromper pelo front occidental, nem os franceses o poderam fazer. O general Perain constatou este facto insólito.

A guerra de 1914-1918 foi uma guerra de reserva—uma guerra económica. Também a parte «casaca» quer dizer a parte ignorada, foi muito pequena, quasi eliminada. Assim era fácil de saber desde 1914 que os ocidentais bateriam os contrários: um balanço das forças económicas e humanas o encontraria. Poder-se-ia prever sem dificuldade, com reflexão e análise, a época aproximativa do fim. Bastaria examinar a reserva das forças humanas e das forças económicas.

Tudo está estritamente determinado pelo passado. Cada facto humano, cada condição do universo são factores determinantes do futuro. Se se podesse conhecer todos estes factos e condições, prever-se-ia o futuro, com exactidão. Mas o nosso conhecimento é fragmentário e as nossas previsões resentem-se também duma certa incerteza. Contudo o triste determinismo existente no universo permite aos que examinam os factos que se adantem a eles e se esforcem de lhes extrair as consequências lógicas. Permitem-lhes—diziamos—ter vistas exactas e justas do que vai acontecer em conjunto, se tiverem o cuidado de se recordar das directivas milenárias da evolução humana. Estes são verdadeiramente realistas. Mas, para os ilusionistas de livre arbitrio que consomem as suas forças e a sua inteligência em querer submeter os factos às suas convicções, estes realistas aparecem como utopistas e vagos ideólogos.

O verdadeiro realista se adapta aos factos e procura tirar deles o melhor partido possível para os fins que tem em vista, e que se encontra no sentido das directivas da evolução humana.

E' este o espirito que possuem os grandes descobridores científicos. E' esse espirito que possuem instintivamente os anglo-saxões. Só o utopista procura adaptar os factos às suas maneiras de ver e se esgota nesta tarefa estéril e nociva. Assim foram Millerand, Poincaré e outros governantes, excepção feita a Massaryk. Boné e os governantes bolchevistas.

Basta verificar este facto real que é a positiva existência da terra e saber que a guerra, militarmente, não teve nem vencedores nem vencidos, para deduzir que era necessário uma paz também sem vencedores nem vencidos; que dizer uma paz sem vexatórias ocupações de territórios, uma paz, simplesmente, com condições económicas para reparar as ruínas materiais acumuladas pelos fronts militares e para restabelecer a economia do mundo. Esta paz devit

## Que nenhum leitor deixe hoje de enviar UM ESCUDO á "BATALHA"

### Para dar uma ideia, ainda que pálida, das dificuldades em que se debata a Batalha em consequência das suas péssimas instalações e das suas deficiências de material, vamos, resumidamente, expôr as condições em que o jornal é, cotidianamente, feito:

A redacção da Batalha pode dizer-se que se encontra encerrada numa casa de pequena dimensão. Nela trabalham 4 redactores, que quasi se acotovelam. Essa sala é constantemente invadida por comissões e delegações que procuram o jornal para formular as suas reclamações. E' claro que aquelas exposições são feitas em voz alta e de modo a perturbar a calma requerida para que o jornal possa ser redigido. A atmosfera torna-se, devido a aglomeração de gente, irrespirável para os que nela trabalham. Isto quanto à redacção. Vejamos, agora, a tipografia:

Primeiro: o material está velho e está gasto. Não possui letra em quantidade suficiente, nem colecções de tipos modernos, que possam dar ao jornal um aspecto gráfico variado e interessante.

As instalações, que são acanhadíssimas, compõem-se de dois quartos e um corredor estreito onde 15 gráficos permanecem até às 4 e 5 horas da madrugada.

A administração está instalada numa verdadeira casca de ovos, 5 empregados se acotovelam para desempenhar as suas funções.

Para funcionar normalmente, isto é, dum modo salutar para o jornal, necessita de compartimentos para depósitos de papel, de edições, da secção de livraria, para os serviços de expedição para as colónias e estrangeiro, etc., etc.

Todos os que têm visitado a Batalha, não concordam em se admitir como pode ela viver e desenvolver-se com as instalações tam más e acanhadas e com tantas deficiências de material.

### A primeira resposta!

Acompanhando a quantia de 5 escudos, enviou-nos Alberto Monteiro a seguinte carta. Damos por certo que não se confirmará o seu valioso pessimismo:

Camdrada redactor.—Satisfaç-me a attenção que A Batalha ultimamente tem manifestado, porisso me apresso a satisfazer o pedido que ela hoje faz aos seus leitores—e nesta qualidade—«os envio 5 escudos, um dos quais, à minha parte, e os quatro restantes para suprir a falta de quatro dos muitos leitores que neste momento se limitarão a dar à Batalha o seu simples apoio... moral.—S. J. de Revolução.—Alberto Monteiro.

### Pró material tipográfico

P. M. Monteiro..... 1500  
Conceição Pires..... 1500  
Alfredo Duarte..... 1500  
António Costa e família: Laura Costa Pereira, Alfredo, Carlos, Júlia e Maria..... 6800  
Bernardino Xavier..... 2850  
Mário de Azevedo..... 1850  
P. Q. Monteiro..... 5800  
Alfredo Campos..... 2800  
Carlos Curado..... 2800  
Leovigildo A. Ceis..... 2800  
Armando Teixeira..... 1800  
António Bento..... 1800  
Alfredo de Almeida..... 1800  
Manuel Gaspar Júnior..... 1800  
Manuel Augusto B. Biano..... 1800  
C. Freire..... 1500

Subscrição aberta entre os operários, quadros e maquinistas da Fabrica de J. Machado & Filho: Contribuintes:

José Morais..... 2500  
Jorge Valadas..... 2500  
José António..... 2500  
Edmund Subidiet..... 2500  
Correia (recolhedor)..... 1800  
Carlos Pereira (recolhedor)..... 1800  
Inácio Correia..... 1800  
Antonio Lourenço..... 1800  
José Marques..... 1800  
Felizando..... 1800  
Mário Gomes..... 1800  
Manuel Elias..... 1800  
João Martins..... 1800  
Telegrafista da Armada..... 1800  
Manuel Augusto Florêncio..... 2800  
João Durão..... 1800  
Jose da Cunha..... 3300  
Edmundo Tavares..... 1800  
Domingos A. Ribeiro..... 1800  
Tibério Caldeira..... 1800  
Júlio Quintinha..... 1800  
António Fernando de Oliveira..... 1800  
Carlos Frutuoso Gaio..... 1800  
António Fernandes..... 2500  
Carlos, maquinista..... 1800  
Emílio Araújo..... 1800  
Carlos de Araújo Júnior..... 1800  
Manuel Lopes..... 1800  
Giesta..... 2500  
António Manoel Martins..... 1800  
José dos Santos..... 1800  
António Leitão..... 1800  
Joachim Ramalho..... 2500  
António Costa..... 2500

### Aos operários Tanoeiros

Em virtude do apelo publicado em A Batalha convidando todos os leitores a contribuir com 1 escudo para que ela possa fazer face às necessidades mais imperiosas, a direcção deste Sindicato convida todos os operários que queiram contribuir que o podem fazer neste sindicato, tornando-se assim mais fácil, pois se encarga de fazer chegar as importâncias à redacção de A Batalha.

E' um gesto de Solidariedade prestado ao órgão dos trabalhadores, único em que podemos depositar a confiança por não se vender à Morgia e à Finança.

Contribuir com 1 escudo é o dever de todos os trabalhadores.—A Direcção.

## Pela transformação das instalações de A BATALHA

Todos os leitores de A Batalha devem hoje afirmar o desejo de que o jornal que incarna e defende corajosamente as mais legítimas aspirações populares, possa continuar exercendo a sua alavantada missão.

Basta para isso que todos eles concorram com a quantia mínima de 1 ESCUDO—quantia insignificante tendo em conta a grande depreciação da moeda.

Os milhares de leitores que A Batalha possui, se concorrerem hoje com a quantia de 1 ESCUDO, realizam uma grande obra em benefício do seu jornal. Tornarão possível que aumente a expansão de A Batalha tornando mais potente a sua voz, melhorando o seu aspecto gráfico, introduzindo as inovações de que ela necessita e eliminando-lhe as deficiências que a não deixam caminhar.

LEITORES DE "A BATALHA"? Que nem um só deixe de colaborar nesta obra de levantamento de «A Batalha», concorrendo hoje, com a quantia de 1 ESCUDO.

Auxiliar «A Batalha» com 1 ESCUDO equivale a assegurar uma melhor e mais profícua defeza da vida, da saúde e da liberdade das classes trabalhadoras!

Abri hoje em todos os lugares onde se trabalha e se produz, listas de subscrição: UM ESCUDO para A BATALHA











